

DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>



FIGUEIREDO, José Nunes de (Porto, 1871 – Porto, 1937)

José de Figueiredo nasceu no Porto, em 20 de dezembro de 1871. Foi o mais novo de três irmãos, filhos de Leopoldina Cândida Albernaz Nunes de Carvalho (natural de Lisboa, m. 1917) e de Agostinho José de Figueiredo (natural de Vouzela, m. 1875), comerciante de grosso trato que fez alguma fortuna no Brasil.

As suas primeiras letras foram feitas no Colégio de São Carlos, no Porto. Em 1888, ingressa na Universidade de Coimbra, vindo a concluir o curso de Direito em 25 de julho de 1893. Regressou então à sua cidade-natal, onde trabalhou num notário. Contudo, o desinteresse pela vida profissional e a doença de seu irmão Agostinho, entretanto internado em Paris, levaram-no a partir para a capital francesa em 1895.

Instalado na cidade-luz, explora o seu gosto pelos assuntos artísticos, frequentando cursos livres de história da arte, visitando exposições, museus e casas de antiguidades, e convivendo com eruditos, historiadores e artistas, portugueses e estrangeiros. Datam desta época as suas amizades com Salomon Reinach (arqueólogo, historiador de arte e co-fundador da Escola do Louvre), Émile Bertaux (historiador de arte), Yvanhoé Rambosson (crítico de arte, um dos organizadores dos *salons* de Paris no início do século XX), Georges Demotte (antiquário e editor) e com o escultor Auguste Rodin. A experiência parisiense permitiu-lhe desenvolver a sua capacidade de análise e crítica artística, da qual resultou, em 1901, a publicação dos seus primeiros livros: *Portugal na Exposição de Paris* e *O Legado Valmor e a Reforma dos Serviços de Bellas-Artes*.

Após regressar a Portugal, é nomeado 1.º oficial da Direção Geral de Instrução Pública (24 de dezembro de 1901) e instala-se em Lisboa. Devido às suas redes de contactos, integra-se rapidamente na vida intelectual e cultural da capital. Neste período, é nomeado vogal do Conselho Superior dos Monumentos Nacionais (dezembro de 1902) e académico de mérito da Academia Real de Belas-Artes de Lisboa (19 de dezembro de 1903). Foi no seio deste organismo que desenvolveu o seu primeiro grande projeto pessoal: a campanha de restauro, exposição e estudo dos Painéis de S. Vicente, do que resultou a publicação da sua grande obra de referência, a monografia *Arte portuguesa primitiva. O pintor Nuno Gonçalves*. José de Figueiredo contava então com 39 anos de idade. O sucesso deste projeto coincidiu com uma conjuntura política que se revelou fortemente favorável para a sua carreira: a mudança de regime em outubro de 1910 estimulou a implementação de importantes planos reformadores na área das instituições artísticas e



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

patrimoniais, proporcionando o contexto ideal para o grande ato do seu reconhecimento público: a sua nomeação como diretor do Museu Nacional de Arte Antiga (MNAA), em 1911.

José de Figueiredo iniciou a sua carreira de escritor de “assuntos de arte” com trabalhos em que demonstra o seu conhecimento dos temas e debates então em voga em Portugal e no estrangeiro. Nas suas primeiras obras de relevo – *Portugal na Exposição de Paris* (1901), *O legado Valmor e a reforma dos serviços de bellas-artistes* (1901) e “Arte e artistas contemporâneos” (1905) – tece críticas à desnacionalização da arte portuguesa, devido às influências sofridas pelos artistas durante as suas formações no estrangeiro e por via da falta de memória histórica e sentido de património; defende o naturalismo na pintura como meio fundamental de difusão de um “portuguesismo” que se encontrava em risco de se perder nas gerações mais novas, formadas nas escolas francesas e italianas; e apela à defesa das indústrias artísticas locais, como as rendas, a cerâmica, a fundição, a ourivesaria. As suas influências nestes textos, devidamente assumidas, são os trabalhos de Sousa Viterbo, António Augusto Gonçalves, Joaquim de Vasconcelos e Ramalho Ortigão. Este último foi, neste período, o principal influenciador do seu pensamento crítico, então marcado por uma retórica vinculada a uma anunciação fatalista da tendencial “desnacionalização” e descaracterização da arte portuguesa, tão proclamadas por aquele erudito. Contudo, Figueiredo acabou por afastar-se progressivamente desta posição, vindo a assumir uma atitude mais positiva e exaltadora do “ser português”, já patente em *Algumas palavras sobre a evolução da arte em Portugal* (1908), obra que Reinaldo dos Santos classificou como um “largo fresco em que se valoriza e caracteriza a corrente do sentimento nacional” (Reinaldo dos Santos, *Homenagem à memória do Dr. José de Figueiredo...* 1938, p. 15).

A consolidação da sua posição como historiador de arte dá-se no contexto da publicação de *Arte portuguesa primitiva. O pintor Nuno Gonçalves* (1910). Nesta obra, que não ignora estudos anteriores impulsionados por Athanasius Raczyński, John Charles Robinson, Sousa Holstein, Joaquim de Vasconcelos e Herbert Cook, Figueiredo identifica a autoria dos painéis (Nuno Gonçalves), sugere uma datação (entre 1459 e 1464), e propõe o seu enquadramento numa “escola nacional” de pintura do século XV – a escola dos denominados “primitivos portugueses” que, embora tivesse uma matriz flamenga, apresentaria uma originalidade técnica e estética próprias que os diferenciaria da restante pintura europeia do mesmo período.

A sua atividade historiográfica integra-se num quadro internacional marcado pela intensificação de estudos sobre a arte do início do renascimento europeu e pelas teses que visavam afirmar as especificidades e autonomia das “escolas locais” face à afirmada escola italiana, e teve duas grandes fontes de influência: o Positivismo, principalmente a corrente defendida por Hippolyte Taine, assente na ideia de que as condicionantes de *raça, meio e momento* tiveram fortes implicações no surgimento e desenvolvimento dos fenómenos humanos, entre eles o artístico; e as teorias defendidas por Louis Courajod e seus discípulos que, desenvolvendo as ideias anunciadas por Taine, construíram uma visão historiográfica firmada no estudo dos fatores raciais e das especificidades locais como determinantes dos estilos artísticos, de que resultou a identificação de inúmeras escolas artísticas que, integradas em contextos mais alargados, apresentavam singularidades merecedoras de serem estudadas e valorizadas. Simultaneamente, Figueiredo revela-se atento ao renovado interesse pelas artes ditas “menores” (artes decorativas), que desde finais do século XIX



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

começavam a ser estudadas em profundidade e integradas na historiografia da arte. Neste campo, interessou-se pelas relações de contacto entre a arte portuguesa e a arte do “além-mar”, sobretudo em expressões como a cerâmica, mobiliário, ourivesaria, tapeçaria, etc. Refira-se ainda que os temas abordados ao longo da sua carreira refletiram as necessidades de estudo das coleções em crescimento do MNAA, e das inúmeras pinturas antigas que, provenientes de várias outras instituições, iam dando entrada na oficina de restauro do museu para serem intervencionadas.

Quanto aos aspetos metodológicos gerais da sua obra, verifica-se a sua vinculação a um *modus operandi* fundamentado na intuição (qualidade que entendia ser essencial para um historiador de arte) e marcado pela desconfiança em relação aos recursos documentais como fontes privilegiadas do fazer historiográfico. Esta atitude empírica, que o aproximava da atividade do *connoisseur* e das correntes atribucionistas, assentava nos pressupostos de que o documento principal para o estudo das obras de arte e da sua história deveria ser sempre o próprio objeto, cuja análise das suas características formais individuais, através de comparações, agrupamentos, etc., só um historiador sensível e com uma vasta cultura artística conseguiria fazer com eficácia. Só depois deste estudo preliminar empírico e intuitivo, os resultados deveriam ser confrontados com informações existentes em fontes documentais primárias e secundárias, confirmando-se ou refutando-se as primeiras conclusões. Este método valeu a José de Figueiredo acusações de tender a manipular os seus estudos de modo a obter resultados previamente pretendidos, críticas essas que foram não só proferidas pelos seus detratores, mas também por figuras que lhe eram próximas, como Joaquim de Vasconcelos.

Outra característica da sua atividade foi a permanente vontade de internacionalização, ligada não só à vontade de promover o seu trabalho individual enquanto historiador e diretor do MNAA, mas também a um objetivo mais amplo de dar à história da arte portuguesa um lugar de destaque no contexto da história da arte ocidental. Essa internacionalização foi bastante bem sucedida, e teve a sua concretização através da publicação de artigos da sua autoria ou referentes ao seu trabalho em periódicos estrangeiros, da participação em conferências, e da organização de exposições internacionais de arte portuguesa. Destacam-se as suas participações nos Congressos Internacionais de História da Arte (Paris, 1921; Bruxelas, 1930; Estocolmo, 1933; e Berna, 1936), que constituíram uma oportunidade de promover perante os pares estrangeiros os estudos que vinham sendo feitos por si e por outros investigadores, como Luís Keil, Reinaldo dos Santos, João Barreira ou Vergílio Correia; e as grandes exposições de arte portuguesa que comissariou em Sevilha (1929) e em Paris (1931, com a colaboração de André Dézarrois e Adriano de Sousa Lopes), mostras de grande visibilidade pública que deram a conhecer a um público alargado obras como os Painéis de S. Vicente, a Custódia de Belém, ou as Tapeçarias de Pastrana. Apesar de algumas polémicas e críticas, os seus propósitos foram cumpridos: estes eventos estimularam de facto o interesse pela arte antiga portuguesa, o que se repercutiu no crescente número de visitas de grupos estrangeiros ao MNAA e num maior dinamismo das interações entre o museu e outras instituições europeias.

José de Figueiredo faleceu no Porto no dia 18 de Dezembro de 1937, dois dias antes de completar os 66 anos de idade. Ocupava então os cargos de diretor dos Museu Nacionais de Arte Antiga (Janelas Verdes e

DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

Coches); Inspetor Geral dos Museus; presidente da Academia Nacional de Belas-Artes; vice-presidente do Conselho Superior de Belas-Artes; presidente da 6.ª secção (Belas-Artes) da Junta Nacional de Educação e membro do seu Conselho Permanente da Ação Educativa; membro da Câmara Corporativa; vogal da comissão administrativa da Casa de Bragança; membro do conselho administrativo do Museu-Biblioteca Condes de Castro Guimarães; membro da Comissão de Estética Municipal de Lisboa; e presidente da Comissão Nacional de Iconografia Portuguesa.

Bibliografia ativa: *O legado Valmor e a reforma dos serviços de bellas-arts*. Lisboa: M. Gomes, 1901; *Portugal na Exposição de Paris*. Lisboa: Empreza da História de Portugal Editora, 1901; “Arte e artistas contemporâneos” in FORJAZ, Augusto e MONTEIRO, José de Souza; *Portugal Contemporâneo*. Rio de Janeiro: Publicação d’O Malho, s.d. [1905], pp. 125-140; *Algumas palavras sobre a evolução da arte em Portugal*. Lisboa: Typographia “A Editora”, 1908; *Arte portuguesa primitiva. O pintor Nuno Gonçalves*. Lisboa: Typ. do Anuario Commercial, 1910; “Opinion sur un important problème: primitifs flamands et primitifs français” in *La Revue de l’Art Ancien et Moderne*, T. XLIV. Paris, Décembre 1923, pp. 86-90; *Portugal em Sevilha: catálogo da Exposição Cultural da Época dos Descobrimentos*. Lisboa: Exposição Portuguesa em Sevilha, 1929; *L’art portugaise de l’époque des grandes découvertes au XX siècle* [catálogo]. Paris: Gauthiers-Villars, 1931; *Algumas obras de arte do Museu das Janelas Verdes*. Lisboa: Museus Nacionais de Arte Antiga, 1937; *Catálogo-Guia do Museu das Janelas Verdes*. Lisboa: Museus Nacionais de Arte Antiga / Imprensa Libanio da Silva, 1938.

Bibliografia passiva: AAVV, *Homenagem ao Dr. José de Figueiredo*. Lisboa: Edição dos «Amigos do Museu», 1932; ARAGÃO, Ruy de [pseud. Diogo de Macedo], “Dr. José de Figueiredo”. *O Diabo*. Ano IV, n.º 171, 2 de janeiro de 1938, p. 5; BAIÃO, Joana, *Museus, Arte e Património em Portugal. José de Figueiredo (1871-1937)*. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2015; COUTO, João, *José de Figueiredo. Separata do Bulletin des Études Portugaises*, Fasc. 1. Lisboa: Institut Français au Portugal, 1938; CUNHA, Alfredo da, *Dr. José de Figueiredo*. Lisboa: Edição dos “Amigos do Museu”, 1938; FIGUEIREDO, Manuel de, *O portuense José de Figueiredo. Separata do Boletim cultural da Câmara Municipal do Porto*. Vol. I, Fasc. II. Porto: Tipografia Leitão, 1938; LEFÈVRE, Frédéric, “Au Portugal. Une heure avec M. de Figueiredo”. *Les Nouvelles Littéraires*. Paris, 14 Septembre 1935, p. 4; SANTOS, Reinaldo, *Homenagem à memória do Dr. José de Figueiredo no Museu das Janelas Verdes em 19 de Fevereiro de 1938*. Lisboa: Academia Nacional de Belas-Artes, 1938.

Joana Baião